

A VISÃO DE MARIA NOS PADRES LATINOS ATÉ O SÉCULO V

Dom Vital Corbellini^[1]

INTRODUÇÃO

Os padres da Igreja latina, que eram da parte ocidental do Império Romano, junto com aqueles do Oriente, elaboraram uma mariologia tendo presente os dados bíblicos, do testemunho de fé do povo cristão e do culto litúrgico. Eles consideraram Maria à luz do Verbo Encarnado, a sua encarnação, e o mistério pascal, não falando tanto de um modo sistemático, mas em um contexto preciso, comentando as Escrituras, aprofundando o acontecimento salvífico, propondo a santidade cristã para os fiéis e confrontando as heresias na Pessoa de Jesus Cristo ao ressaltarem ora a sua humanidade, ora a sua divindade. Ainda que os padres latinos não tivessem os elementos teológicos para exprimir o mistério cristológico e a dignidade da Mãe de Deus, contribuíram, a partir dos testemunhos da Escritura e da Tradição, para a abertura do caminho aos sucessivos desenvolvimentos da mariologia, endereçando a piedade popular e superando opiniões errôneas a respeito da encarnação do Verbo e de Maria, a Mãe de Jesus.

^[1] Bispo de Marabá-PA. Obteve mestrado e doutorado em Teologia pelo Instituto Patrístico Augustinianum (Roma). Fez um pós-doutorado em História da Igreja Antiga pela Universidade Gregoriana (Roma). Lecionou Patrística e História da Igreja Antiga na PUC-RS.

A nossa análise far-se-á até o século V, onde teremos presentes os dados bíblicos e pagãos, as suas interpretações pelos principais padres na época. Nós teremos presentes também as elaborações que foram dadas pelos padres a partir da tradição latina formando-se uma doutrina mariológica que tanto contribuiu à visão de Maria na doutrina cristã, do amor a Deus, ao próximo como a si mesmo. Veremos a seguir todos esses detalhes.

1 AS INTERPRETAÇÕES BÍBLICAS E PAGÃS SOBRE MARIA E O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO DO VERBO

1.1 O desenvolvimento bíblico em relação à Maria nas catequeses dos padres latinos no período pré-niceno^[2]

A Igreja latina desenvolveu alguns pontos fundamentais da mariologia como a virgindade de Maria, o duplo paralelismo Cristo/Adão e por isso Eva/Maria, Igreja/Maria nos primeiros dois séculos. Depois com Tertuliano e Orígenes, foi defendida a ideia da obediência em Maria e sua maternidade divina (*Theotókos*), que o Concílio de Éfeso (431) assumirá integralmente como verdade de fé para toda a Igreja.

Sendo importante a doutrina mariológica, da mesma forma foram as perspectivas bíblicas sobre a Mãe do Senhor. Os dois versículos de Lucas (1,28 e 1,35) receberam grande atenção por parte dos padres latinos. No primeiro texto, a

^[2] A idade pré-nicena foi até 325, sendo um período importante na vida eclesial, em que ocorreram algumas perseguições contra os cristãos, tendo também períodos de paz e de constituição da Igreja na fé, na esperança e na caridade.

patrística grega insistiu sobre alegria dada à Maria (*Chaïre*); Maria é a toda cheia de graça, pela anunciação do anjo, mas, sobretudo, há também o sentido do *Kecharitoméne*: o *cheia de graça* dado por Deus à Maria. Já os padres latinos, reforçaram nas palavras *gratia plena*, a cheia de graça, a maternidade divina de Maria, na qual esta alcançou a graça de receber no seu ventre virginal, o autor da graça, Aquele que possui a plenitude da divindade. Ponderação que também esteve bem presente no pensamento do bispo de Cartago^[3]. A graça fez com que Maria fosse tomada por Deus como agradada por Ele, de modo que ela foi transformada pelo dom de Deus através do anúncio do anjo quando disse: “encontreste graça diante de Deus” (Lc 1,30) para viver a situação de mãe do Messias, a mãe do Filho do Altíssimo (Lc 1,31-33)^[4].

A análise do segundo texto, Lc 1,35, mereceu também atenção especial por parte dos padres latinos. Aquele que nascerá santo, virá de Maria, assim viam os autores latinos. Ireneu de Lião, bispo do final do século II e início do século III, utilizou bastante esse texto, para defendê-lo diante dos ebionitas, pois esses negavam a divindade do Verbo, porque para eles Jesus nasceu de uma forma normal de José e de Maria. Dessa forma ele teve que defrontá-los, afirmando que aquilo que foi gerado em Maria é Santo, é o Filho de Deus Altíssimo, o qual é Pai de todas as coisas^[5]. Para Ireneu de Lião, tratava-se da santidade do Verbo de Deus encarnado, ou seja, a nova geração, porque foi proveniente de Deus em

[3] Cf. *Quodvultus, Sermo I de Symbolo*, V,11(PL 40, 643). DE LA POTTERIE, I. L'annuncio a Maria Lc 1,28 e 1,35 nel kerigma di Luca e nella catechesi dei Padri. In: *La Mariologia nella catechesi dei Padri (età prenicena)*, a cura di Sergio Felici. Biblioteca di Scienze Religiose, 88, LAS – Roma, 1989, p. 20.

[4] Cf. *La Mariologia nella catechesi dei Padri (età prenicena)*, p. 21.

[5] Cf. IRENEU DE LIÃO, *Contra as Heresia*, V,1,3. Paulus, SP, 1995.

um nascimento virginal, puro, sem macha de pecado^[6]. Com a encarnação do Filho de Deus, apareceu um novo nascimento a fim de que superássemos o nascimento anterior, que era de morte, para que herdássemos a vida^[7].

Este texto (Lc 1,35) recebeu também de Tertuliano, padre do norte da África, século II e início do século III, considerações importantes para combater a controvérsia monarquiana que salvaguardava o monoteísmo, a unidade em Deus, no entanto negava as pessoas da Santíssima Trindade. Por isso Tertuliano defenderá no *Adversus Praxean* que o homem Jesus, nascido de Maria, era verdadeiramente Filho de Deus, antes Deus: Aquele que nascerá de Maria é Filho do Altíssimo^[8]. O fato de ser santo está ligado à condição de ser Filho de Deus: são palavras sinônimas, semelhantes^[9] – *sanctum* é considerado como sinônimo de *Filius Dei*, Filho de Deus (Lc 1,35b). Tertuliano colocou a importância da unidade entre Jesus, concebido pela virgem e Cristo, que veio do Pai e se encarnou no ventre virginal de Maria.

Novaciano seguiu Tertuliano no sentido da defesa da divindade de Jesus, que Jesus é verdadeiramente Filho de Deus, também diante da controvérsia monarquiana. Os monarquianos também apelavam a Lc 1,35 no sentido que havia uma distinção entre Jesus e Cristo, na qual o Cristo, igual ao Pai, ao Espírito Santo e Jesus, nascido de Maria, o filho do homem, que chamavam de filho de Deus no sentido que ele foi adotado como Deus, por isso era negada a sua divindade. Para eles, deveria se entender em Jesus, não Deus, mas o ho-

[6] Cf. Idem.

[7] Cf. Ibidem.

[8] Cf. *Adversus Praxean*, 26,7. In: *La Mariologia nella catechesi dei Padri (età prenicena)*, p. 26.

[9] Cf. Idem, p. 26.

mem^[10]. Novaciano afirmou que era preciso seguir as Escrituras, não sendo somente naquele momento Filho de Deus, sendo Santo, mas “em princípio o Filho de Deus é o Verbo de Deus encarnado por meio daquele Espírito do qual afirma o anjo: ‘o Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra’ (Lc 1,35)”.

O texto de Lc 1,35 recebeu outras interpretações no sentido de que foi o Espírito Santo que se encarnou em Jesus, porque alguns autores da Igreja antiga fizeram confusão entre o Espírito Santo e o Cristo preexistente. Justino não fez a distinção entre o Espírito Santo e o Logos, o Verbo de Deus^[11]. Para ele, o Espírito Santo e o Poder do Altíssimo não eram senão modos diversos de designar o Logos, o Filho de Deus preexistente. Havia a ideia que o Espírito Santo, do qual fala Lucas, não era outro senão o Filho de Deus. Contra os ebionitas, Ireneu teve que defender a divindade de Jesus pela maternidade de Maria, porque nela desceu o Espírito Santo, de modo que aquele que Maria gerou é santo, Filho de Deus Pai, herdando não a morte pelo primeiro Adão, mas sim a vida^[12].

1.2 Oráculos pagãos^[13]

Os oráculos sibilinos, de origem pagã, que falaram a respeito do nascimento de Jesus Cristo, pela Virgem Maria, influenciaram em parte os autores cristãos dos primeiros séculos. Esses diziam que apareceu nesses últimos tempos um

[10] Cf. NOVACIANO, *A Trindade*, 24,136. Paulus, SP, 2017.

[11] Cf. JUSTINO, *Diálogo com Trifão*, 100, 5; Paulus, SP; *I Apol*, 1,33. M. Simonetti. Luca 1,35 nelle controversie cristologiche del II e III secolo. In: *La Mariologia nella catechesi dei Padri (età prenicena)*, p.38.

[12] Cf. IRENEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, 5,1,3.

[13] Cf. LA TEOLOGIA DEI PADRI, *Testi dei Padri latini, greci orientali, scelti e ordinati per temi*, Vol. II. Città Nuova Editrice, Roma, 1974, p. 158.

menino pequeno como nova luz no ventre da Virgem Maria. De origem divina, assumiu a figura humana, a natureza de todos os seres humanos. O arcanjo Gabriel falou à Virgem com essas palavras: “Virgem, acolhe Deus no teu ventre imaculado”. A Palavra se fez carne e no ventre materno, adquirindo a vida, se plasmou até assumir a semelhança humana. Assim nasceu um menino de um nascimento virginal. A terra acolheu feliz o menino, quando foi anunciado que nasceu em Belém e foi assim chamada a pátria divinamente escolhida pelo Logos. Esses oráculos, espécies de profecias, presentes nos meios pagãos, foram assumidos pelos cristãos ao interpretarem as Sagradas Escrituras pela vinda do Verbo, num sentido direto e proclamadas num sentido indireto, também para os pagãos. O Senhor se revelou também àqueles povos, nos quais a evangelização assumirá um rumo mais objetivo depois de Pentecostes.

2 A MARIOLOGIA DO PONTO DE VISTA DOS PADRES LATINOS

2.1 O desenvolvimento da Mariologia latina até ao Concílio de Nicéia (325)

O desenvolvimento da doutrina mariana encontrou nos primeiros séculos os resultados mais decisivos e incisivos. O dado da Mãe do Senhor foi conservado de uma forma oral e depois, mediante o anúncio do Evangelho, precisou do reconhecimento da Igreja como Tradição cristã e foi assumido pela transmissão da pregação, pela catequese, pela liturgia e pelos sacramentos.

No período antes de Nicéia, deve-se dizer também que foi preciso enfrentar o gnosticismo, que negava a humanida-

de de Jesus, de modo que era necessário voltar-se às Escrituras Sagradas e reforçar a Sua humanidade proveniente de Maria. As figuras de Cristo Jesus e de Maria e as suas missões receberam desenvolvimentos adequados e convenientes naquele período conturbado. A definição de fé do Concílio de Nicéia em 325 tratou da divindade do Verbo de Deus, desde sempre, portanto, uma definição trinitária, mas também de Cristo como homem proveniente de Maria^[14].

2.1.1 A Mariologia em Santo Inácio de Antioquia

Inácio morreu mártir em Roma, no início do século II. Merecem atenção especial sua cristologia e sua mariologia. Ele foi o primeiro a inserir a doutrina mariológica no patrimônio dogmático da Igreja. Ele afirmava a dupla geração do Cristo: eterna, por parte de Deus Pai, e terrena, por Maria^[15], preparando desta forma o dogma cristológico de Calcedônia. Considerava Maria participante do projeto divino na história da salvação pela sua virgindade, a sua concepção e a morte do Senhor como sendo três grandiosos mistérios^[16]. Ele defendeu contra os docetas a realidade da encarnação de Cristo, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus, nascido verdadeiramente da Virgem, batizado por João^[17]. Como pressuposto para uma justa compreensão da maternidade divina de Maria, o bispo de Antioquia aludiu à *Communicatio Idiomatum*, doutrina cristológica muito importante nos primeiros séculos do cristianismo pela unidade da Pessoa de

[14] FELICI, S. Lo Sviluppo della dottrina mariana nell'età prenicena. In: *La Mariologia nella catechesi dei Padri (età prenicena)*, a cura di Sergio Felici. Biblioteca di Scienze Religiose, 88, LAS – Roma, 1989, p. 9-11.

[15] Cf. INÁCIO DE ANTIOQUIA AOS EFÉSIOS 7,2. In: *Padres Apostólicos*, Paulus, SP, 1995.

[16] Idem, 19,1.

[17] Cf. INÁCIO AOS ESMIRNIOTAS, 1,1.

Cristo Jesus e a diversidade de naturezas, na afirmação que o nosso Deus, Jesus Cristo, foi gerado no seio de Maria, pela descendência de Davi, mas por obra do Espírito Santo, segundo o plano de salvação de Deus^[18].

2.1.2 A Mariologia em São Justino de Roma

Justino era da Palestina e veio morar em Roma, morrendo mártir por volta do ano 165. Defendeu a fé cristã diante dos pagãos e judeus, dando a sua vida por Cristo, pela defesa da caridade na vida eclesial. Este autor aprofundou a virgindade de Maria contra os pagãos, que afirmavam ser ela um mito, e contra os hebreus, que não aceitavam a profecia divina de Is 7,14 referente a Maria. Cristo Jesus deveria nascer de um ventre virginal como verdadeiro homem, feito carne, aquele que é o primogênito de todas as criaturas^[19].

Justino foi um dos primeiros autores cristãos que ao paralelo paulino Cristo-Adão (cf. 1 Cor 15,45) contrapôs aquele de Maria-Eva. Ele deu importância à missão de Maria na história da salvação, como modelo de obediência e aceitação da Palavra de Deus. Na obra *Diálogo com Trifão* há a assertiva:

De fato quando ainda era virgem e incorrupta, Eva, tendo concebido a palavra que a serpente lhe disse, deu à luz a desobediência e a morte. A virgem Maria, porém, concebeu fé e alegria quando o anjo Gabriel lhe anunciou a boa notícia que o Espírito do Senhor viria sobre ela e que a força do Altíssimo a cobriria com a sua sombra, através do que o santo que dela nasceu seria o Filho de Deus. A isso, ela respondeu: “Faça-se em mim segundo a palavra” (Lc

[18] Cf. INÁCIO AOS EFÊSIOS, 18,2.

[19] Cf. JUSTINO DE ROMA, *Diálogo com Trifão*, 84, 1-2. Paulus, SP, 1995.

1,38). E da virgem nasceu Jesus, ao qual demonstramos que tantas Escrituras se referem, pelo qual Deus destruiu a serpente e os anjos e homens que a ela se assemelham, e livra da morte aqueles que se arrependem de suas más ações e nele crêem.^[20]

Ele afirmou que Cristo Jesus veio ao mundo por meio da Virgem Maria, pois ela assumiu o mistério de Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, estando nela presente. Justino defendeu o mistério da encarnação diante dos pagãos que não acreditavam na maternidade virginal de Maria. Segundo os evangelhos de Mt 1 e Lc 1-2, Jesus fora concebido por obra do Espírito Santo, sem a intervenção de um pai terreno, portanto, só devido a Maria Ele tomaria a sua origem humana^[21]. Para Justino, a concepção virginal de Jesus era estreitamente ligada à sua filiação divina, antes era o seu sinal mais essencial. Os cristãos consideraram um sinal extraordinário, único e irrepetível, por parte de Deus, comparável à uma nova criação.

O fato, pois, que Jesus fosse concebido por Maria era obra do Espírito Santo de modo que excluir a geração humana por parte de José era algo essencial em Justino, a partir dos evangelhos, para ser defendido diante dos pagãos e dos judeus, pois achavam que Jesus nasceu homem dos homens. Justino teve que defender diante dos judeus, com o judeu Trifão, a concepção virginal de Jesus por parte de Maria, que era graça de Deus^[22]. Também colocou a importância da dúvida de José em tomar Maria como a sua esposa sendo já grávida.

^[20] Idem, 100,5.

^[21] Cf. MARITANO, M. La Vergine Madre negli scritti di Giustino martire. Mitipagani e mistero cristiano. In: *La Mariologia*, p. 79-99.

^[22] Cf. JUSTINO DE ROMA, *Diálogo com Trifão*, 67,2.

Por meio de uma visão, foi-lhe ordenado para não mandar embora a sua esposa, porque o anjo que lhe apareceu explicou que o que ela levava em seu seio era obra do Espírito Santo (cf. Mt 2,2s)^[23]. Justino defendeu a virgindade de Maria e a concepção virginal de Jesus diante dos comentários dos pagãos, que diziam ter Jesus nascido de fornicção^[24]. Levou em consideração as calúnias presentes na vida do povo, defendendo a visão cristã da concepção virginal do Senhor Jesus proveniente de sua mãe, Maria, tendo em conta também a polêmica anticristã bem presente em seu tempo.

2.1.3 A Mariologia em Santo Ireneu de Lião

Este autor mereceu considerações importantes na teologia, na cristologia e também na mariologia. Ele desenvolveu uma função importante para a história da doutrina cristã sobre Maria Santíssima, colocando-a em uma situação única no interior da soteriologia, mistério da salvação realizado em Cristo Jesus, em ligação com a encarnação do Verbo de Deus e do plano da redenção. Como nenhum outro autor cristão, aprofundou o duplo tema da recapitulação e da recirculação em Cristo Jesus, desenvolvendo o confronto entre Eva e Maria, a qual livrou o nó da desobediência de Eva, tornando-se causa de salvação por si e pelo gênero humano^[25], sendo percebida também como a advogada de Eva^[26]. Ele introduziu aspectos das ladainhas, que a piedade cristã rezará na comunidade, abrindo também a estrada à inserção de Maria no Símbolo Apostólico^[27]. Ireneu insistiu sobre a profecia de

[23] Cf. Idem, 78,3.

[24] Cf. Idem, 1 Apol. 35.

[25] Cf. IRENEU DE LIÃO, *Contra as heresias*, III,22,4.

[26] Cf. Idem, V,19,1.

[27] Cf. MARITANO, M. Maria. In: *Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*. Marietti, Genova-Milano, 2007, p. 3036.

Is 7,14 como sinal da Virgem que se tornou também colaboradora da salvação humana. Cristo encarnando-se tornou puro o seio da Virgem, regenerando os homens em Deus^[28]. A profissão de fé à maternidade virginal de Maria é pressuposto necessário para participar à salvação dada em Cristo Jesus.

Evidentemente que a ideia da recapitulação influenciou profundamente a doutrina mariana de Ireneu. Como visto, Justino por primeiro fez este paralelo entre Eva e Maria, assim como Paulo tinha feito o paralelo entre Adão e o Cristo. Mas Ireneu desenvolveu ulteriormente esta visão cristológica em unidade com a visão de Maria, mãe do Salvador. Encontra-se nele, em estreita analogia também, a Virgem Maria que obedece e diz:

“Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” [Lc 1,38], e, em contraste, Eva, que desobedeceu quando ainda quando era ainda virgem. Como esta, ainda virgem se bem que casada – no paraíso estava nus e não se envergonhavam, porque criados há pouco tempo ainda não pensavam em gerar filhos, sendo necessário que primeiro se tornassem adultos antes de se multiplicar –, pela sua desobediência se tornou para si e para todo o gênero humano, causa de morte, assim Maria, tendo por esposo quem lhe fora predestinado e sendo virgem, pela sua obediência se tornou para si e para todo o gênero humano, causa de salvação.^[29]

Assim, para Ireneu, a humanidade recebeu um novo gerador no lugar do primeiro Adão. E como a primeira mulher estava implicada com desobediência, a saída foi pela assun-

[28] Cf. IRENEU DE LIÃO, *Contra as heresias*, IV,33,11.

[29] Idem, III,22,4.

ção de um começo novo concebido pela obediência de uma mulher. Porque, ao dar a vida ao novo Adão, esta se torna a verdadeira Eva, a verdadeira mãe dos viventes é a causa de salvação (*causa salutis*). Assim, se a primeira mulher (Eva) desobedeceu a Deus, a segunda mulher (Maria), ao invés obedeceu a Deus, tornando-se a advogada da virgem Eva.

A ideia de recirculação (*recirculatio*) colocou em Ireneu a perspectiva que Deus salvou as pessoas em Jesus Cristo, porque se em Eva até Maria houve um caminho de pecado e de morte, de Maria até Eva houve um caminho de salvação, de amor. Tudo é recapitulado em Cristo^[30]. A ideia é paulina (cf. Ef 1,9): na plenitude dos tempos, em Cristo, serão recapituladas todas as coisas, as do céu e as da terra. Essa ideia já estava também presente em Tertuliano, na qual as coisas, sendo elas visíveis ou invisíveis, serão recapituladas em Cristo Jesus^[31]. Recapitular significa devolver ao princípio todas as coisas, levá-las ao regime que ao princípio tinham, de modo que em Cristo Jesus, tudo foi recapitulado, princípio e fim de todas as coisas, alfa e ômega^[32]. Em Cristo há o princípio e o fim; n'Ele todas as coisas tornam à perfeição que tinham no princípio. O segundo Adão é o fim e o paradigma do primeiro unido ao seu princípio.

A universal recapitulação compreendia, segundo Ireneu de Lião, os dois sentidos de Adão até Cristo e de Cristo até Adão, ambos na forma linear, no mesmo nível. Será por ali a recirculação? Sim, esta tem a recapitulação. Adão em efeito foi recapitulado em Cristo, para que o mortal fosse absorvido na imortalidade, e Eva foi recapitulada em Maria, para que uma virgem desatasse os nós com a sua obediência à outra

[30] Cf. Idem, p. 103.

[31] Cf. TERTULIANO. *De Monog.* 5,2. In: *La Mariologia*, p. 103.

[32] Cf. *De Idem. Monog.*, 5,2-3. In: *La Mariologia*, p. 104.

virgem que fez pela sua desobediência^[33]. A recirculação segue a recapitulação, é a sua marca. Porque em Cristo se recapitularam Adão e Eva, pode Cristo recircular, dirigir a sua imortalidade até Adão para absorver sua mortalidade. E porque em Maria, por obra de Cristo, se recapitulou Eva, pode a Virgem Maria desatar o nó, com a sua obediência, da desobediência da virgem Eva^[34]. A terminologia do Gênesis (cf. Gn 3, 1-7) respondia a de Lucas (Lc 1,26-38), em conformidade com o plano divino que relacionou ambas as mulheres, isto é, o menos que aponta para o mais. A relação vai de Eva a Maria, e não o contrário. Eva, tipo e figura de Maria, análoga à que mediava entre os dois Adãos: o primeiro, tipo e figura de Cristo Jesus.

A eficácia da Virgem de Nazaré se deixou sentir em profundidade pelas gerações todas. Ela imprime por graça de Cristo Jesus um princípio vital, com vigor para desatar o nó de Eva. Se uma Virgem desobedeceu e feriu o homem, causando a morte, assim também por causa de uma Virgem, obediente à palavra de Deus, tornou à vida^[35]. Será bem clara a distinção da posteridade humana que Ireneu percebeu a partir de Cristo Jesus, que se essa foi desobediente em Eva, será obediente em Maria pelo nascimento de Jesus Cristo. Com a primeira mulher sobreveio a transgressão e a morte do homem; com a segunda, mediante a vida, Cristo Jesus, sobreveio a vida. Como ela foi dócil à mensagem do anjo, acolheu Maria em seu ventre o Verbo, o autor da vida, e por seu meio, trouxe a vida à linhagem de Eva. Os nós são todos de pecado e morte que procederam

^[33] Cf. *Epid.*, 33. In: *La Mariologia*, p. 104.

^[34] Cf. ORBE, A. La “recirculación” de la Virgen María en San Ireneo (Adv. Haer. III,22,4,71). In: *La Mariologia*, p. 104.

^[35] Cf. *Epidexis*, 33. In: *La Mariologia*, p. 106.

de Eva e a recirculação é exclusiva de Maria, tendo lugar a vida^[36]. A recirculação não só desatou o nó, mas ela possui sua eficácia positiva, na vida com Deus, devolvendo a todas as gerações a vida física, que as perdeu em Eva.

Tudo tem sentido pela nova geração a partir de Maria, que recuperou a geração humana de Eva, pela graça de Cristo Jesus. A recirculação é de Maria a Eva; de Jesus a Adão há o veículo da regeneração na vida verdadeira. Jesus resgatou todos os nós, todas as gerações à vida com Deus^[37]. O misterioso fenômeno teve lugar com o início da vida nova fazendo o Senhor o início de uma geração nova, para homens e para mulheres, sendo a raiz o batismo no Espírito Santo no Jordão, o início dos vivos e o Primogênito dos mortos. Ele inaugurou uma nova linhagem humana em contraste com aquela inaugurada por Adão. Ireneu de Lião indicou a trajetória que seguirá o novo Adão para regenerar os seres humanos tendo presente a genealogia apresentada por Lucas: de Jesus por José, até Adão e Deus. Foi Ele quem regenerou por sua vez os justos e todos em sentido inverso até as primeiras gerações humanas. Os dois inícios no Espírito e na carne são redimidos pelo Senhor. Ele pregou a salvação aos adormecidos com o sono da morte, aos patriarcas e aos justos e aqueles que acolheram com fé e creram nele, regenerando à vida de Deus^[38]. Assim, o veículo da vida divina inicia por Jesus, batizado na carne com a plenitude do Espírito Santo, e termina em Deus, introduzindo ao próprio Adão na família de Deus.

[36] ORBE, A. La "recirculación" de la Virgen María en San Ireneo (Adv. Haer. III,22,4,71). In: *La Mariologia*, p. 107.

[37] Cf. Idem, p. 108.

[38] Cf. Ibidem, p. 108.

2.1.4 A Mariologia em Tertuliano

A doutrina mariológica de Tertuliano influenciou a mariologia em si, colocando a importância da vida de Maria na Igreja, no plano de salvação de Deus pelo seu Filho ao mundo e para o ser humano. Diante das heresias gnósticas, reforçou o autor africano a realidade da humanidade de Cristo, realçando o fato que Ele possuía não um corpo celeste, mas um corpo verdadeiramente nascido da mesma substância da Virgem Maria. Ele afirmava a virgindade perpétua em Maria, seja antes do parto como também depois do mesmo, pois ele tinha que confrontar os docetistas, que negavam a corporeidade de Cristo e, conseqüentemente, afirmavam que a sua concepção e o seu nascimento fossem apenas aparentes. Para Tertuliano, Maria é a segunda Eva:

Eva era ainda virgem quando ouviu pelas orelhas a palavra sedutora que devia erigir o edifício da morte. Ocorria da mesma forma que fosse introduzido em uma virgem o Verbo de Deus que devia reconstruir o monumento da vida, de modo que aquilo que foi arruinado pelo mesmo sexo, pudesse ser recuperado para a salvação. Eva acreditou na serpente; Maria acreditou em Gabriel. A desventura que uma atirou com a sua credibilidade, a outra devia cancelá-la com a sua fé.^[39]

Tertuliano desenvolveu temas marianos devido às problemáticas existentes na época, como o tema da maternidade de Maria, no qual pôs como centro de seus argumentos^[40]. Ele não

[39] Cf. TERTULIANO. *De Carne Chr.* 17. In: Quasten, J., *Patrologia. I primi due secoli (II-III)*. Casale, Marietti, 1992, p. 566.

[40] Cf. DAL COVOLO, E., *Riferimenti Mariologici*. in Tertulliano. "Lo Status quaestionis". In: *La Mariologia nella catechesi dei Padri*. Biblioteca di Scienze Religiose - 88. Las, Roma, 1989, p. 123.

se deteve tanto ao tema do *Theotókos*, antes à real encarnação do Filho e ao debate cristológico e trinitário. No entanto, deve-se considerar que a doutrina cristológica de Tertuliano é também o estudo sobre a maternidade divina de Maria, tendo presente a sua virgindade. Tertuliano defendeu a virgindade de Maria antes do parto de seu Filho Jesus Cristo. Na sua obra *De Carne Christi* defendeu a virgindade de Maria diante dos ebionitas e valentinianos, porque as duas correntes a negavam de modo que somente eram presentes a divindade de Cristo e a sua humanidade do Verbo de Deus^[41]. Ele colocou razões de conveniência, requeridas pela criação ao Criador e pela recriação dada pelo Salvador. Se o primeiro Adão nasceu da virgem terra, justamente por mais razão, o novíssimo, Jesus Cristo, deveria nascer de uma mãe virgem. Dessa forma, fez uma paralelismo antítipo na qual Eva, Virgem, acreditou no tentador, no demônio, acolheu em si a palavra do diabo, o edificador da morte, no qual conduziu à perdição; Maria, Virgem, acreditou em Gabriel, acolheu em si a Palavra de Deus, o Filho de Deus, o edificador da vida, que conduz à salvação, concebeu Cristo^[42].

A doutrina de Tertuliano realçou a relação Eva e Maria, e também Maria e a Igreja, que entraram no plano de salvação, juntas são mães e conceberam virginalmente. Para Ele, Eva é figura de Maria, não equivalendo a Eva, figura da Igreja. Eva, figura de Maria, é a Virgem tentada e é desobediente; Eva, figura da Igreja, é a mulher formada da costela de Adão, no caso o novo Adão, Jesus Cristo. A Igreja, esposa do novo Adão, Jesus Cristo, apareceu como a verdadeira mãe dos viventes^[43]. Como é importante a visão de Tertuliano, seja

[41] Cf. Idem, p. 124.

[42] Cf. Ibidem, p. 125.

[43] Cf. DAL COVOLO, E. Referimenti mariologici in Tertulliano, Lo Status quaestionis. In: *La Mariologia*, p. 121-132.

sobre Maria, que influenciou a doutrina em geral, seja sobre Cristo, filho de Maria santíssima, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

2.1.5 A Mariologia em Santo Hipólito de Roma

Os dados provenientes de Hipólito de Roma não são muitos, mas aqueles que desenvolveu ajudaram a formular a presença de Maria na vida da Igreja e nos sacramentos. Ele colocou a importância de Maria no processo salvífico completado em Cristo Jesus. Um lenho foi construído na Arca, isto é, o Senhor aludindo à pureza do pecado e este autor inseriu Maria no evento central da encarnação, seja na formulação de fé, seja na celebração eucarística^[44].

2.2 A Mariologia no período do Concílio de Nicéia e pós-niceno

A profissão de fé dos 318 padres, bispos de todos os lugares do Império romano, que participaram do Concílio de Nicéia, em 325, destacou a encarnação do Verbo, ponto importante em vista da salvação humana, descendo do céu, se encarnou, fez-se homem sofreu e ressuscitou ao terceiro dia^[45]. A menção à Maria não é feita, mas se subentende, porque realça a vinda do Senhor à nossa realidade pelo seio virginal de Maria. Nesse período, fizeram os padres a justa concepção do mistério da encarnação devido às heresias que ainda assolavam a pessoa de Cristo Jesus, ora a sua humanidade, ora a sua divindade.

[44] Cf. MARITANO, M. Maria. In: *Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*. IPA, Marietti, Genova - Milano, 2007, p. 3037.

[45] Cf. CONCILIORUM OECUMENICORUM DECRETA, a cura dell'Istituto per lescienze religiose. EDB, Bologna, 1991, p. 5.

2.2.1 A Mariologia em Santo Ambrósio de Milão

O Bispo de Milão instituiu um paralelismo tipológico entre a Igreja e Maria, ambas virgens, esposas e mães, mas exaltando sobretudo a coragem de Maria aos pés da cruz, sofrendo com o seu Filho, Jesus Cristo, a sua morte salvadora^[46].

Ambrósio exaltou a figura de Maria pela sua participação no mistério da redenção. “Ora, que coisa existe de mais essencial da Mãe de Deus? Que coisa existe de mais esplêndido daquela que gerou o corpo de Cristo sem contaminar o seu?”^[47]. Maria foi virgem no corpo e na alma, porque jamais manchou a transparência do seu espírito com nenhuma aspiração ambígua: “era humilde de coração, austera nas palavras, prudente na alma, medida no falar, mas muito desejosa de aprender. Ela queria o bem de todas as pessoas e amava as virtudes”^[48].

Maria ouviu a Palavra do Senhor e a meditou em seu coração (cf. Lc 2,19). Ela disse:

“Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Veja quanta humildade, veja quanta dedicação! Serva se diz do Senhor aquela que foi eleita mãe, nem se exalta por receber uma grande promessa. Dizendo-se serva, não se arrogava algum privilégio de tanta graça, disposta a fazer aquilo que lhe fosse mandato. Chamada a dar luz Aquele que é manso e humilde, também Maria deveria ser modelo de humildade. Tem a prova do

^[46] Cf. *De Inst. Virg.*, 6,49. In: M. Maritano. Maria. In: *Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*, p. 3040.

^[47] AMBROGIO. *Sulle Virgini*, II,2,7. Pappalardo, Marco. *Pensieri Mariani dei Padri della Chiesa*. Libreria Editrice Vaticana, 2010, p. 49-50. In: G. Bosio - E. Dal Covolo - M. Maritano, *Introduzione ai Padri della Chiesa - Secoli III e IV*, SEI, Torino, 1993, p. 65.

^[48] Idem, p. 65.

seu obséquio, veja o seu desejo, Eis a serva do Senhor, é a demonstração da sua vontade na prontidão total; faz-se em mim segundo a palavra, era expressão do seu desejo.^[49]

Vê-se como Ambrósio levou em consideração a pessoa de Maria, no sentido de sua disposição no serviço do Senhor em ser Mãe do Salvador mas também acompanhando o seu Filho Jesus Cristo na vida pública até o calvário e ressurreição. Maria era uma mulher de ação pela salvação da humanidade em unidade com o seu Filho Jesus Cristo. Ela foi uma mulher de caridade.

2.2.2 A Mariologia em São Paulinho de Nola

Paulino foi bispo de Nola, entre os séculos IV e V. Nos seus escritos, destacou a alegria de Maria na sua resposta positiva ao Senhor: “Ó jovem, o anjo lhe disse ser a mais bem-aventurada de todas as virgens que foram, são e serão em todo o universo que a esfera do sol que circunda, escolhida pelo grande Deus a ser chamada Mãe, daquele mesmo, de quem ele é Pai”^[50]. Ele via na concepção de Maria algo extraordinário da intervenção de Deus para o ser humano. “Felizmente concebes um filho, sem ter alguma relação humana, fecundada pela Palavra de Deus”^[51]. Maria deu à luz o Criador do Universo:

O teu seio deu o corpo Àquele que criou o céu, a terra, o mar, as estrelas, que sempre foi e ora é, e por todo o tempo

[49] Cf. AMBROGIO. *Commento al Vangelo di San Luca*, II, 16. Pappalardo, Marco. *Pensieri Mariani dei Padri della Chiesa*, p. 36-37. In: M. Pellegrino, *Vox Patrum*, SEI, Torino, 1963, p. 300.

[50] Cf. PAOLINO DI NOLA. *Carme* 6, 111-131. Pappalardo, Marco. *Pensieri Mariani dei Padri della Chiesa*, p. 31-32. In: G. Bosio - E. Dal Covo - M. Maritano, *Introduzione ai Padri della Chiesa*, p. 182.

[51] Idem, Ibidem.

será o Senhor do mundo e Criador da luz. E Ele, luz do céu, por ti vestirá de membros mortais e se apresentará aos olhos e às multidões dos homens. Eleva tranqüilo um pensamento ao dono de glória que é grande; Ele te dará a força da fé Aquele que deseja ser teu Filho também por ser Filho de Deus.^[52]

2.2.3 A Mariologia em Santo Agostinho de Hipona

Santo Agostinho foi bispo de Hipona nos séculos IV e V. A sua mariologia foi não só para época patrística, ampla e rica, mas também para os dias atuais. Desde 389 escreveu sobre a Mãe do Senhor, a Virgem Maria que representa a dignidade da terra, do universo. Os pontos salientes da sua doutrina são diversos, dos quais se dirá a seguir:

a) A maternidade divina, a geração do Filho

O bispo de Hipona afirmava que o Filho de Deus nasceu de uma mulher: “Não fazemos ideia sobre o rosto da Virgem Maria, da qual Jesus nasceu de modo miraculoso e sem o concurso de varão, nem a perda da virgindade no parto”^[53]. Deu explicações a respeito de sua maternidade:

Como poderemos confessar na regra de fé que acreditamos no Filho de Deus que nasceu da Virgem Maria se não o Filho de Deus, mas o filho do homem nasceu da Virgem Maria? Quem entre os cristãos nega que daquela mulher nascerá o filho do homem? Mas todavia Deus fez-se homem e assim o homem fez-se Deus.^[54]

[52] Idem, Ibidem.

[53] SANTO AGOSTINHO. *A Trindade*, VIII, 4,7b. Paulus, SP, 1994.

[54] Cf. Serm., 186, 2. In: *Patrologia. I Padri Latini (secoli IV e V)*. Marietti, Casale, 1983, p. 407.

Afirmou também que o Senhor Jesus nasceu de Maria, por obra do Espírito Santo:

Por causa da concepção no seio da Virgem, dado não pelo ardor de concupiscência carnal mas no fervor da caridade surgida da fé, diz-se nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria, no seio que em um desses termos refere-se não a quem gera, mas quem santifica o outro, ao invés a quem concebe e dá à luz. Por isso, diz-se, aquele que nascerá de Ti santo, chamar-se-á Filho de Deus (cf. Lc 1,35). Porque santo, por isso é do Espírito Santo; porque nascerá dela, por isso é da Virgem Maria; porque Filho de Deus, por isso, o Verbo se fez carne (Jo 1,14).^[55]

A maternidade divina do Senhor Jesus comportou a colaboração indireta de José. Por isso o bispo de Hipona disse: “O Senhor pois não era do sangue de José, ainda que fosse dito; todavia à piedade e à caridade de José nasceu de Maria Virgem um filho, e o mesmo é Filho de Deus”^[56]. A alegria humana é grande, porque o Criador de todas as coisas nasceu entre nós:

Alegremo-nos, ó irmãos, e exultem os povos. Este dia se tornou sagrado para nós não este sol visível, mas o invisível Criador desse sol, quando a Virgem Mãe deu à luz do seu ventre fecundo e sem mancha de pecado, o Criador tornado para nós visível de invisível que era. Virgem na

[55] AGOSTINHO D'IPPONA. *La Virgine Maria, pagine scelte*. Introduzione pagine scelte a cura di Michele Pellegrino. Presentazione, fonti, e bibliografia di Eugenio Corsini. Paoline Editoriale Libri, MILANO, 2015, p. 75.

[56] AGOSTINHO D'IPPONA. *La Virgine Maria, pagine scelte*. Introduzione pagine scelte a cura di Michele Pellegrino, p. 63-64.

concepção, virgem no parto, virgem grávida, virgem mãe, virgem perpétua.^[57]

Ao referir-se a Cristo, Agostinho fala de duas gerações: a humana, sem a colaboração do homem, mas com a colaboração de Maria, e a divina, fruto exclusivo da paternidade divina:

A geração de Cristo proveniente do Pai aconteceu sem mãe. E a geração de Cristo por sua mãe aconteceu sem pai. Ambas as gerações são maravilhosas. A primeira foi eterna. A segunda, temporal! Quando nasceu do Pai? Que significa esse “quando”? Buscas o “quando” ali onde não encontras o tempo? Não busques aí o “quando”. Busca-o aqui neste mundo. Com razão, perguntas: “Quando”? em referência a seu nascimento da mãe. Sem razão, porém, em referência ao nascimento do Pai. Nasceu e não tem tempo. Nasceu o eterno coeterno.^[58]

b) A virgindade perpétua

Agostinho desenvolveu o tema da virgindade perpétua em Maria. A virgem concebeu o Filho de Deus e ela permaneceu virgem^[59]. A virgindade foi anunciada a Maria antes da anunciação do anjo, dando assim início ao ideal cristão da virgindade^[60]. Aquilo não tira que Maria fosse verdadeira esposa de José e verdadeiro o matrimônio e o afeto conjugal que a ligavam a ele.

[57] Idem, p. 65.

[58] Cf. Sermão 189, 4. In: SANTO AGOSTINHO. *A Virgem Maria, cem textos marianos com comentários*. p. 94-95.

[59] Cf. Sermão 51,18. In: INSTITUTUM PATRISTICUM AUGUSTINIANUM. *Patrologia. I Padri Latini (secoli IV e V)*, p. 407.

[60] Cf. Sermão 51,26. Idem, p. 408.

Agostinho louvava a virgindade de Maria, como dom e como missão:

Mas quando nasceu o rei de todas as gentes, teve início a dignidade virginal da Mãe do Senhor, que mereceu ter um filho sem alguma ofensa da sua virgindade. Como aquilo, pois era matrimônio e matrimônio sem alguma mancha, assim que a mulher deu à luz permanecendo casta, porque não podia castamente tomar marido? Como aquela era castamente esposa, assim aquele era castamente marido; e como aquela era castamente mãe, assim o seu marido era castamente pai.^[61]

Para Agostinho a virgindade de Maria foi um dom de Deus em todos os momentos:

Celebramos pois com alegria o dia no qual Maria deu à luz ao Salvador, [...] a Virgem o príncipe das virgens, casada a um marido e mãe sem o marido; virgem antes do matrimônio, virgem no matrimônio, virgem grávida, virgem sempre. De fato o Filho Onipotente em nenhum modo tirou a integridade à sua santa mãe, da qual tinha escolhido para nascer.^[62]

c) A relação entre Maria e a Igreja

Agostinho desenvolveu na sua doutrina mariana a relação entre a Mãe do Filho de Deus e a comunidade eclesial, a Igreja. Constituem-se em um capítulo interessante da mariologia de Agostinho. Maria é modelo da Igreja; modelo para o fulgor das virtudes e para o dom de ser corporalmente aquilo

[61] Cf. *Contra Iul*, 5,47, PL 44,810. In: AGOSTINHO D'IPPONA. *La Virgine Maria, pagine scelte*, p. 63.

[62] *Idem*, p. 67.

que a Igreja deve ser espiritualmente, isto é, virgem e mãe; virgem pela integridade da fé, mãe pelo ardor da caridade. Mas é também Mãe da Igreja. Maria concebe o Cristo e a Igreja gera espiritualmente os fiéis com os sacramentos: ela coopera e é exemplar para a Igreja. Por isso Cristo uniu-se à Igreja com a virgindade do coração, antes a formou em Maria no corpo. Na unidade humana, de fato, a mulher é dada ao homem para não mais ser virgem; a Igreja, ao invés, não poderia ser virgem se não tivesse encontrado o esposo para o qual doar-se, o Filho da Virgem^[63].

A Igreja é virgem pelo Senhor e pecadora pelos seus membros. É por isso que ela deverá sempre olhar para o alto e enfrentar as limitações, os pecados das pessoas:

A Igreja imita a Maria que deu à luz o Senhor. Não é verdade que a santa Maria virgem deu à luz e virgem permaneceu? Assim antes a Igreja deu à luz e é virgem. E se ela deu à luz Cristo, porque são membros dele aqueles que são batizados. Vós sois, diz o Apóstolo, corpo de Cristo e membros (1 Cor 12,27).

d) O Filho de Maria na carne

Este é outro ponto fundamental na doutrina mariológica de Santo Agostinho. O bispo de Hipona teve presente o texto de João em que é relatado o primeiro milagre de Jesus, no qual o Senhor disse à sua Mãe: “O que há entre mim e Ti, ó mulher? A minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4). Nosso Senhor Jesus Cristo era Deus e homem: como Deus não tinha mãe, como homem, sim. Maria era pois mãe da carne dele, mãe da sua humanidade. Mas o milagre que se cum-

^[63] Cf. Sermão 213,8. In: AGOSTINHO D'IPPONA. *La Virgine Maria, pagine scelte*, p. 68.

priria era obra da sua divindade, não da sua humanidade; enquanto era Deus, não enquanto homem limitado.

A sua mãe pediu-lhe um milagre, pois percebeu a falta de vinho na festa de casamento. Jesus, no momento de cumprir a obra divina, o milagre, queria dizer que não foi a sua mãe quem gerou a sua natureza divina, mas, porque ela gerou a sua natureza humana, então, a reconheceria (a natureza humana) quando estivesse sobre a cruz. Por isso, Ele disse que a sua hora não havia chegado.

Com aquela resposta, o Senhor distingue, na fé dos fiéis, quem Ele é, e como veio. Ele veio por meio de uma mulher, que é a sua mãe. Ele é também Deus e Senhor do céu e da terra. Enquanto Senhor do mundo, Senhor do céu e da terra, Ele é Senhor de Maria; enquanto Criador do céu e da terra, é criador também de Maria, porém como foi dito, feito de mulher, nascido sob a lei (cf. Gl 4,4), é filho de Maria. Ele é, ao mesmo tempo, Senhor de Maria e Filho de Maria, junto Criador de Maria e nascido de Maria. Ouvi o testemunho claro do Apóstolo: “Nascido segundo a carne da estirpe de Davi” (Rm 1,3). Mas Ele é também o Senhor de Davi, porque Davi mesmo o disse: “Fala Senhor ao meu Senhor: senta-te à minha direita” (Sl 109,1). Como pois Ele é junto Senhor e filho de Davi, filho de Davi segundo a divindade, assim é filho de Maria, segundo a carne e Senhor de Maria segundo a sua divindade. E pelo fato que ela não é mãe da divindade, respondeu Jesus a ela: Que há entre mim e ti, ó mulher? De outra parte para que Tu, ó Maria, não acreditasse que Ele iria negá-la como mãe acrescentou: a minha hora ainda não chegou, Então reconheceu a natureza humana, na qual ela era a sua mãe, sujeitar-se-á na cruz de modo que Ele realizou o milagre de

transformar a água em vinho. Mas vejamos melhor como tudo isso é verdadeiro. Na cruz, Jesus disse à sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí a sua mãe (Jo 19,25-27). Confia a mãe ao discípulo, Ele que estava para morrer antes dela e ressuscitaria antes que ela morresse. Esta é a natureza humana que Maria gerou. Já tinha chegado a sua hora pois dissera: a minha hora ainda não chegou.^[64]

Agostinho desenvolveu bem a doutrina mariológica na Igreja em consonância com a doutrina cristológica. Ele seguiu a doutrina desenvolvida de Maria nos padres anteriores mas dando-lhes pontos diferentes e aprofundando ainda mais a missão de Maria como Mãe do Senhor. O culto mariano estava se desenvolvendo bem em seu tempo, de modo que ele deu uma fundamentação teológica em base à vida pastoral que o povo vivia, e tudo isso chegou até nós como elaboração consistente para Maria ser considerada Mãe do Filho de Deus e da Igreja.

2.2.4 A Mariologia em São Leão Magno

São Leão Magno foi Papa de 440-460 na vida da Igreja. Foi sempre uma pessoa equilibrada na doutrina cristológica, fazendo uma espécie de síntese da unidade e da diversidade na pessoa de Cristo Jesus. Ele também enfrentou as heresias que abalavam a unidade na Igreja. Contra o docetismo de Eutiques, desenvolveu a doutrina sobre as duas naturezas em Cristo Jesus. Partindo da afirmação do duplo nascimento de Cristo no Símbolo Apostólico, demonstrou que se deve

[64] Cf. AGOSTINO. *Commento al Vangelo di San Giovanni*, 8-9. In: LA TEOLOGIA DEI PADRI, 2. Città Nuova Editrice, Roma, 1974, p. 157-158.

distinguir em Cristo duas naturezas com as propriedades e as atividades respectivas, ainda que unidas em um só sujeito de atribuição. Cristo nasceu verdadeiramente de Deus e de Maria. Ele deu à fórmula antitética consubstancial ao Pai, consubstancial à Mãe, um significado estreitamente dogmático, cristológico.

Sendo Cristo consubstancial ao Pai e à Mãe, Ele é também solidário, seja com Deus, seja com os homens. Solidário com o Pai, Ele não é somente em grau de revelá-Lo ao mundo, mas age no Seu nome. Solidário conosco, ao invés, ele sofre e oferece-se por nós. Assim, nenhum ser humano obtém a salvação se não acredita na dupla consubstancialidade de Cristo. Graças a esta unidade, Cristo permaneceu obediente até a morte, sacrificou-se livremente pelo gênero humano e tornou-se o modelo da nossa ressurreição^[65].

2.2.5 A Mariologia em São Vicente de Lérins

Vicente de Lérins foi um escritor famoso na Gália do século V. Ele descreveu o sentido de Maria como Mãe de Deus, frisando a *Communicatio Idiomatum*, doutrina cristológica dos primeiros tempos, que falava da troca das propriedades, porque em Cristo há a unidade da Pessoa e a diversidade das naturezas, humana e divina:

A unidade da pessoa de Cristo constituiu-se aperfeiçoada não após o parto da Virgem, mas no mesmo ventre virginal; professamos que Cristo Jesus é um com a natureza divina e um com a natureza humana. Já na Mãe, no seu seio, ao momento mesmo da concepção virginal se constituiu essa unidade de Deus com a humanidade. Por essa

^[65] Cf. IPA. *Patrologia. I Padri Latini (secoli IV e V)*, p. 570.

unidade pessoal as propriedades de Deus se atribuíram ao homem e as propriedades da carne se atribuíram a Deus. Por isso está divinamente escrito que o Filho do Homem desceu do céu (cf. Jo 3,13) e que o Senhor da Majestade foi crucificado (cf. 1 Cor 2,8). Por essa unidade pessoal, em comunhão com o mistério divino, veio que a carne do Verbo nasceu da íntegra Virgem, o mesmo Deus Verbo nasceu da Virgem. Isso se acredita segundo a verdadeira e reta fé católica de modo que a sua negação seria uma impiedade. Estando assim as coisas não haja ninguém que prive a santa virgem Maria dos seus privilégios de graça divina e da sua especial glória. Devemos professar com verdade suprema e alegria que ela foi geradora de Deus, Mãe de Deus, pelo dom do nosso Senhor Deus, que é o seu Filho, não pelo fato de que como sustentava Nestório Maria seria Mãe de Deus, por ter gerado um homem que depois se tornou Deus sendo essa a heresia nestoriana, mas no sentido de que no seu sagrado seio cumpriu-se este mistério sacrossanto: por união pessoal única e singular, como o Verbo na carne é carne, pessoa humana, assim o homem em Deus é Deus.^[66]

2.3 O valor da oração mariana nos primeiros tempos

As orações marianas expressavam a fé, o amor à Maria pelo seu Filho Jesus Cristo. Estas falavam da confiança da pessoa em Maria sabendo que terá a proteção do Senhor Jesus Cristo. Percebem-se alguns pontos importantes, como a misericórdia de Maria, expressão da grande bondade do seu coração e alta dignidade de ser Mãe de Deus: “Sob a tua

^[66] Cf. VINCENZO DI LÉRINS. *Commonitorio*, 15. In: *La Teologia dei Padri*, 2, p. 159-160.

misericórdia refugiamo-nos, Mãe de Deus. Não ignorar as nossas súplicas na necessidade, mas nos salva do perigo, toda casta, toda bendita. Sob a tua misericórdia nos refugiamos, ó Mãe de Deus. É a bondade Mãe na qual nasceu o fruto bendito, Jesus Cristo”^[67]. Nota-se o valor do *Theotókos*, assumido no Concílio de Éfeso em 431. *Theotókos* significa *aquela que gerou Deus*, portanto, leva o título de Mãe de Deus. Nessa oração, havia a ideia da intercessão, ligada, é claro, a Jesus Cristo, o único intercessor junto do Pai. No entanto, Maria colaborou com a intercessão dos fiéis porque ela leva os pedidos das pessoas até Jesus. Assim, se o Filho é o intercessor entre o Pai e nós, a Mãe, Maria é entre nós e o Filho até permanecer junto a Ele, a pedir a Ele, como Mãe sua e Rainha do céu, com a sua proteção divina. Maria se torna o nosso refúgio nas horas mais difíceis. A oração tem presentes também as necessidades para que não sejam ignoradas mas que a pessoa humana possa ser salva do perigo, da morte eterna.

Percebe-se ainda nessa oração a imensa dignidade de Maria que é própria de uma criatura ligada a Deus. É só Jesus, que é o Mestre, que nos ensina a rezar, porque é o Deus conosco que ora por nós, intercedendo junto do Pai. Nesta linha está a oração de Maria. Junto d’Ele está Maria, sua mãe, e entre nós e Jesus, como nossa advogada e mediadora, como nossa defesa e refúgio que acolhe as nossas súplicas e nos indica o itinerário da salvação, colaborando com o Filho, protegendo e guiando os fiéis no caminho justo e de amor superando o mal^[68]. O amor de Deus se faz também pela oração à Mãe do Filho de Deus, pois ela leva os pedidos a Jesus Cristo.

[67] Cf. IACOANGELI, R., “Sub tuum praesidium”. La più antica preghiera mariana: filologia e fede. In: *La Mariologia*, p. 212.

[68] Cf. Idem, p. 229.

O catecúmeno antigo, antes do batismo, confessava sua fé na unidade de Deus com o Filho Jesus Cristo, nascido da Virgem Maria. O laço indissolúvel que a humanidade de Cristo tinha em Maria, enquanto encarnação do Verbo, e que se realizava através dela^[69].

2.4 Oração a Maria pelo povo cristão

Algumas orações marianas se desenvolveram no povo sob o aspecto da confiança das pessoas nos braços de Maria, a Mãe do Filho de Deus. Uma delas era rezada no contexto comunitário, em que o povo de Deus louvava o Senhor e concedia um culto à Maria Santíssima.

O povo de Deus fazia orações à Maria com muita devoção e amor: “Refugiamo-nos na tua ternura, ó Mãe de Deus. Nas nossas angústias, nas nossas súplicas, não desprezar, mas livra-nos do perigo, ó única pura, ó única bendita. Ó mãe de Deus, salva os teus servos”^[70]. Percebemos como o povo rezava a Maria com fé. Já era percebida como a Mãe de Deus.

Vemos as orações marianas como formas de ligação com Deus e com as pessoas: “Ave, cheia de graça. O Senhor é contigo. Tu foste escolhida como um vaso puríssimo, infinitamente precioso, por receber Deus em ti. Encontraste graça diante de Deus. Eis que darás à luz um Filho, o chamarás Jesus. Ele salvará os povos e será chamado Filho de Deus. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, e Ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó. E o seu reino no terá fim. Ó bendita entre as mulheres, o Senhor te falou; a ti anunciou

[69] Cf. Idem, p. 249.

[70] SCRITTI E PREGHIERE DEI PRIMI CRISTIANI. BRANI SCELTI a cura di Reginetta Canova. Editrice Messaggero di Santo Antonio. Padova, 2003, p. 272.

a boa nova; de teu Filho serão salvas todas as tribos da Judéia e as gerações de todos os povos. Com o arcanjo e com os anjos veneremo-la, nós todos: salve, predileta do Senhor, salve tu que sentas junto ao Altíssimo. Salve, mãe de Deus, mãe do Salvador”.

Encontramos outra bem semelhante àquela que nós rezamos diariamente: “À Virgem gloriosa. Salve, cheia de graça, Maria; o Senhor é contigo: tu és bendita entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre, pois concebeste Cristo, o Filho de Deus, o Salvador das nossas almas”^[71].

CONCLUSÃO

A mariologia latina foi bastante importante na doutrina geral sobre a ciência que estuda Maria. Vemos como Maria respondeu com alegria e amor ao plano de Deus, tornando-se dessa forma a mãe do Filho de Deus. Maria foi a serva do Senhor sempre disposta a servir o Senhor Deus, o Criador dos céus e da terra e dos seres humanos. Maria viveu o amor do Senhor de modo que as gerações iriam chamá-la de bendita (cf. Lc 1,48). Por isso os padres da Igreja, os primeiros escritores descreveram a importância de Maria na vida pessoal, comunitária e social. Maria foi fiel à palavra do Senhor no cumprimento da vontade do Pai. Ela seguiu em tudo o seu Filho, Jesus Cristo.

A mariologia latina contribuiu em muito para que a fé em Maria, manifestada hoje pelo povo de Deus, tivesse as suas raízes na Bíblia, nos evangelhos, na tradição, na fé, na esperança e na caridade do povo de Deus. Deus seja louvado

^[71] HAMMAN, A. G. - *La Preghiera nella Chiesa Antica. Traditio Christiana*. Società Editrice Internazionale, Torino, 1989, p. 145.

por ter-nos dado Maria, que amou o seu Filho Jesus Cristo e nos ensina a amá-Lo, a sua Igreja e a realidade em que vivemos. A mariologia não termina enquanto as pessoas acreditam no Senhor Jesus, porque tendo Maria há também a presença do seu Filho, pois Maria sempre aponta para o seu Filho em todos os pedidos que nós fizermos para ela. Maria é a nossa intercessora junto a Jesus Cristo.

